

QUANTOS JOGOS COMPÕEM O JOGO: O MACRO-JOGO, O MICRO-JOGO E SUAS INTENSIDADES

Luís Bruno de Godoy

Faculdade de Educação Física e Fisioterapia (FEFF/UFAM)

luis.godoy@ufam.edu.br

INTRODUÇÃO: O jogo, em sua multiplicidade conceitual, não pode ser reduzido a uma atividade delimitada por regras ou a um simples intervalo da vida cotidiana. Embora muitas abordagens o compreendam como uma realidade à parte, quase transcendental, interessa-nos pensá-lo como algo que se inscreve no próprio plano da vida. O jogo não está fora do real; ele instaura uma outra consistência do real. Nesse sentido, pode ser compreendido como uma suspensão da vida corrente — não como fuga, mas como a criação de uma província finita de significado que se diferencia da rotina sem, contudo, abandonar o plano da existência. Essa suspensão inaugura um campo intensivo que aqui chamamos de macro-jogo. Trata-se de uma ambiência na qual os corpos, os tempos e as relações passam a operar segundo outra lógica. De tal modo, objetivo discutir o jogo a partir do *macro-jogo*, compreendendo-o como uma suspensão da vida corrente que, longe de constituir um bloco homogêneo, comporta em seu interior a emergência de *micro-jogos* - novas suspensões que se instauram dentro da própria suspensão já estabelecida. Para isso, foi desenvolvido um estudo cartográfico filosófico de caráter transdisciplinar. Inspirados em Deleuze e Guattari (2011), passamos a compreender o jogo como agenciamento: uma composição de forças, afetos, regras, gestos e desejos que produz determinado regime de funcionamento. O jogo, assim, não é estrutura fixa, mas arranjo dinâmico que se sustenta enquanto suas conexões permanecem ativas. Além disso, apoiamos em Godoy, Leonardo e Scaglia (2022), que compreendem o jogo em sua dimensão rizomática, como campo de forças que se atualiza na experiência concreta dos jogadores. Por assim dizer, o macro-jogo não é um bloco homogêneo, em seu interior emergem micro-jogos — novas suspensões que se instauram dentro da suspensão já estabelecida. Aqui, a operação não é mais a interrupção da vida cotidiana, mas a suspensão momentânea do próprio fluxo do macro-jogo. Um desafio específico, uma tensão, um acordo implícito que reorganiza a atenção coletiva: nesses momentos, forma-se um novo agenciamento, com intensidade própria. O micro-jogo, portanto, é uma atualização singular desse campo, uma modulação interna que reconfigura temporariamente o todo. Quando dois ou mais jogadores se engajam com desejo,

produzem novas conexões, deslocam sentidos, criam linhas de fuga. A intensidade que emerge passa a atravessar os participantes, sustentando aquela configuração específica. Enquanto os elementos que a compõem permanecem ativos — atenção compartilhada, tensão criativa, desafio, implicação corporal — o micro-jogo se mantém. Quando tais elementos se dissipam, a configuração se desfaz e o fluxo retorna ao macro-jogo, sem que isso signifique esgotamento das virtualidades. Pelo contrário, o jogo permanece como campo aberto de possíveis, sempre suscetível a novas emergências.

Palavras-chave: Rizoma; Experiência; Filosofia do Esporte